

Os motivos de “é isso um homem”, de Primo Levi

Luis Fernando Leite Rosa Pecorelli Braga¹

Primo Levi nasceu em 1919, em Torino, e frequentou uma das escolas de onde saíram os principais antifascistas piemonteses, o *Liceu D'Anzèlio*. Ao chegar à universidade, matriculou-se em química, mas não concluiu seus estudos. Quando em 1943 a Alemanha ocupou o norte da Itália, acabou sendo preso e enviado a um campo de concentração.

Em *É Isso Um Homem* vemos logo no primeiro capítulo os motivos que colaboraram para sua inevitável captura: “[...] faltavam homens qualificados, estávamos, pelo contrário, mergulhados em um mar de gente desqualificada [...]” (LEVI, 1989, p.4, Tradução Nossa).² Levi fora enviado para *Auschwitz* em fevereiro de 1944 e, após ser selecionado como apto ao trabalho, enviado ao campo de *Monowitz*³, onde permaneceu até janeiro de 1945, quando os prisioneiros do campo foram libertos pelos russos.

Em *É Isso Um Homem*, Levi nos apresenta todas as provações e situações humilhantes que foi submetido. Percebemos claramente a interpolação entre o tempo passado e presente nesta obra, o que nos leva a crer que para Levi aquela experiência foi uma constante que nunca havia realmente se tornado passado. Pelo contrário, fora presentificada dia após dia em sua vida.

¹ Mestrando em Letras (Língua e Literatura Italiana) na Universidade de São Paulo – Brasil. E-mail: fernando6345@hotmail.com.

² “[...] mancavano gli uomini capace, ed eravamo invece sommersi da un diluvio di gente squalificata [...]”

³ Havia Auschwitz I (1940); Auschwitz II (também conhecido como Auschwitz-Birkenau), no início de 1942; e Auschwitz III (também chamado de Auschwitz-Monowitz), em outubro de 1942 [...] Em novembro de 1943, as SS decretaram que Auschwitz-Birkenau e Auschwitz-Monowitz se tornariam campos de concentração independentes [...] Em novembro de 1944, Auschwitz II foi reunificado a Auschwitz I, e Auschwitz III passou a ser denominado Monowitz”.

Refiro-me a sua narrativa com o verbo ‘apresentar’, pois todas as situações pelas quais passou são tão repugnantes e inconcebíveis que Levi não pôde simplesmente ‘representar’ mimeticamente sua história e seu sofrimento. A mimese se tornaria tão inverossímil que não persuadiria os seus leitores, mas criaria um espetáculo de aberrações onde as figuras seriam reais demais para que fossem compreendidas e digeridas pelo outro logo no pós-guerra.

A constituição do real em um campo de concentração nazista se torna tão inimaginável para o registro em palavras que o autor a constrói a partir do simbólico e não do mimético. É interessante aqui fazer um paralelo com a poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, que viveu a ditadura e a repressão salazarista em Portugal, para notarmos o quão uma experiência traumática deste tipo é impactante na vida de uma pessoa. Também para a poetisa o real é irrepresentável, ele existe por si só e o poeta somente cria a poesia pela necessidade de “fundir totalmente a sua vida com a existência das coisas” (ANDRESSEN, 1960, p.53), de preencher a lacuna que separa o real de sua representação.

Notamos a função dual de uma narrativa traumática: se por um lado Levi tem a necessidade de apresentar às novas gerações as situações repugnantes pelas quais os prisioneiros passavam nos campos nazistas para que elas jamais se repitam, por outro, o relato assume uma função de catarse, destituindo, ao menos em parte, todo o fardo que Levi carregava em suas memórias ao tornar o Outro participante de sua história.

Não é possível esquecer neste ponto a figura do narrador descrita por Benjamin como “um homem que sabe dar conselhos aos ouvintes” (2012, p.216). É através da narrativa testemunhal que o autor/narrador tem a missão de deixar uma mensagem de alerta sobre certas experiências que, se não podem ser completamente eliminadas das comunidades humanas devido a diversos fatores político-sociais, certamente devem ser mitigadas para que as gerações futuras possam construir sociedades mais sólidas e humanas.

Levi, em *É Isso Um Homem*, após apresentar como aconteceu sua captura, explica como se dava o processo de coisificação dos prisioneiros. Ao chegarem, seus cabelos eram cortados, eram “desinfetados”, marcados com um número no braço e levados para a contagem. A partir deste momento eles não eram mais nada, não reconheciam seu semelhante, não tinham mais nome nem direitos. Tudo isso acontecia na tentativa de esgotar suas existências, impedindo que a imagem de comunidade fosse criada, reduzindo-os apenas

a uma mão de obra sem vida e descartável, destruídos integralmente. Depois de todo este ritual de coisificação, Levi nos conta como se sentiu:

[...] chegamos ao fundo do poço. Mais fundo que isso era impossível: condição humana mais miserável não existe, não é possível [...] Tiraram-nos até mesmo o nome: e se quisermos conservá-lo, devemos encontrar em nós mesmos a força para tal [...] (LEVI, 1989, p.19, Tradução Nossa).⁴

A máquina nazista fragmentou este processo de forma tão metódica, burocrática e hierarquizada que ao final, os nazistas e carrascos não se sentiam culpados pelos seus atos, como é comprovado em diversos depoimentos no pós-guerra. A consciência de seus atos foi submetida a um nível tão grande de distanciamento do real que eles acabavam por ver aquilo não como um crime, mas como a verdadeira solução.

Levi também nos diz que apenas quando um homem está diante de uma situação como esta é que se torna possível conhecer seu verdadeiro moral. Para ele, o ser humano é capaz de coisas absurdas quando subjugado e rebaixado de forma assim contundente. Os valores se invertem, muito do que era tido como moral e bom costume são apagados junto com seu sentimento de estar vivo e a experiência animalésca é completada na dinâmica de convivência no campo, onde cada dia se torna uma luta incessante pela sobrevivência individual: “A lei do campo era clara: coma seu pão, e, se puder, aquele do seu vizinho” (LEVI, 1989, p.171, Tradução Nossa).⁵ Anne Frank, em seu diário, também tece comentários relativos a esta questão, se perguntando “como é que nós [,,] pudemos afundar tanto [...]com relação a boas maneiras.” (FRANK, 2013, p.119).

Quando nos adentramos nos meandros da construção narrativa, vemos que Levi cria no decorrer da caracterização e apresentação das personagens uma diferença do que seriam os dois tipos de prisioneiros: existe a figura do muçulmano, isto é, o sem ‘alma’, aquele que se entrega ao seu destino de prisioneiro e espera a morte e; existe também aquele que, apesar de passar pelo mesmo processo de coisificação, luta pela sobrevivência, aprende alemão, se demonstram astuto e funcional:

[...] dos prisioneiros judeus mais velhos [...] poucas centenas sobreviveram [...] aqueles que [...] dado sua astúcia e energia conseguiram sempre se organizar com

⁴ “[...] siamo arrivati al fondo. Più giù di così non si può andare: condizione umana più misera non c’è, e non è possibile [...] Ci toglieranno anche il nome: e se vorremo conservarlo, dovremo trovare in noi la forza di farlo [...]”

⁵ “La legge del Lager diceva: «mangia il tuo pane, e, se puoi, quello del tuo vicino»”

sucesso [...] Sucumbir é o modo mais fácil: basta seguir todas as ordens que recebe, não comer nada além da ração, seguir a risca as regras do trabalho e do campo. Todos os muçulmanos [...] não possuem história; (LEVI, 1989, p.91, Tradução Nossa).⁶

Entre os que lutavam para garantir um resqúcio que fosse de humanidade e esperança estavam *Schepschel*, que furtava na *Buna* para conquistar mérito entre os *Blochältester*, o engenheiro Alfred, muito metódico, que limpava a marmita dos operários polacos e mantinha-se perfeitamente limpo e alinhado, de modo a ser notado por sua disciplina; Elias, que se fazia ver com sua força física e funcionalidade desconcertante; Henri, superinteligente e que se fez útil por sua cultura e sua facilidade em falar várias línguas.

Uma questão interessante a ser levada em consideração e que demonstra toda a sobriedade em que a narrativa é tecida é o conceito de ‘sorte’. Apesar de Levi ter sido enviado a um campo de concentração para passar por todos os tipos de torturas inimagináveis, ele se vê sortudo por estar nesta situação no ano de 1944, onde já se previa que a Alemanha estava fadada a derrota e, por necessitar de mão de obra, ‘poupava’ a vida dos prisioneiros.

Fazendo um paralelo com outro livro, *Depois de Auschwitz*, de Eva Scholls, que também sobreviveu ao holocausto, vemos que essa visão de sorte é recorrente. Eva, que também foi enviada para um campo em 1944 acredita que “Grande parte do fato de eu ter sobrevivido se deve puramente à sorte” (SCHOLLOSS, 2013, p.110). Por ter tido uma boa aparência, Eva não foi levada para os trabalhos mais desgastantes, ficando na sessão conhecida como Canadá, aonde procurava por bens escondidos nas roupas dos prisioneiros já mortos. A sorte de Levi se deu pela sua formação em Química, que o levou a trabalhar em um serviço também menos desgastante, se é que podemos classificar assim sem sermos levianos, e por seu conhecimento básico em alemão e contatos internos no campo que o ajudaram a sobreviver.

Ele, assim como poucos dos que tiveram o desprazer de passar por um campo de concentração, sobreviveu, em um movimento circular onde, após a libertação russa, o levou de volta ao início. Não ao início anterior a fevereiro de 1944, mas um reinício, onde ele teve a missão de se reinventar humano. Na noite da evacuação “as cozinhas do campo ainda haviam funcionado” (LEVI, 1989, p.166, Tradução Nossa)⁷. A ‘normalidade’ se reestabelecia

⁶ “[...] dei vecchi prigionieri ebrei [...] poche centinaia sopravvivevano [...] coloro che [...] per la loro astuzia ed energia fossero sempre riusciti a organizzare con successo [...] Soccumbere è la cosa più semplice: basta eseguire tutti gli ordini che ricevono, non mangiare che la razione, attenersi alla disciplina del lavoro e del campo. Tutti i mussulmani [...] non hanno storia;”

⁷ “[...] le cucine del campo avevano ancora funzionato [...]”

e Levi assumiria a missão de reinscrever as marcas deixadas pelos nazistas, mesmo que ainda de forma fragmentária. Digo fragmentária, pois Levi conta Sua história, Seu ponto de vista e Sua interpretação do campo, assim como Eva e Anne. Como sobrevivente, a missão de ser porta-voz dos milhões dos que morreram devido às atrocidades nazistas não foi nada fácil, ainda mais pela sua insuficiência em narrar de forma integral o que foi a experiência num campo de concentração. Por isso Levi não narra suas experiências linearmente, mas “*per ordine di urgenza*” (Levi, 1989, p. 2). Como nos diz Cytrynowicz, em seu ensaio sobre a memória do sobrevivente, “não devemos esperar do testemunho que ele explique algo [...] nem inquiri-lo sobre a história, mas apenas garantir-lhe o direito de falar, de contar.” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p.136).

Referências

- ANDRESEN, S. M. B. Poesia e Realidade. *Revista de Artes e Letras*, n. 8, p. 53-54, abr. 1960.
- BARNI, R. Primo Levi ou da narrativa como ethos. *Revista de Italianistica*, [s.l.], n.14, p.71-88, dez. 2006.
- CYTRYNOWICZ, R. O silêncio do sobrevivente: diálogos e rupturas entre memória e história do holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, M. (Org.). *História, Memória, Literatura: O testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora Unicamp, 2003, p. 126-138.
- FRANK, A. (1929 – 1945). *O diário de Anne Frank*: edição integral. 21. ed. Tradução Ivanir Alves Calado. Rio de Janeiro: BestBolso, 2013.
- LEVI, P. (1919 – 1987). *Se questo è um uomo*. Torino: Einaudi, 1989.
- ROSA, M. D. Experiência e linguagem como estratégias de resistência. *Psicologia e sociedade*, Rio Grande do Sul, v.21, ed. especial, p.5-12, 2009.
- SCHLOSS, E. *Depois de Auschwitz*: o emocionante relato da irmã de Anne Frank que sobreviveu ao Holocausto. Tradução Amanda Moura. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.
- SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, v.20, n.1, p.65-82, 2008.
- SOARES, G. A. Os tormentos da memória: trauma e narrativa nos escritos de Primo Levi. *Várias História*, Belo Horizonte, v.28, n. 48, p.911-927, jul.- dez. 2012.

UNITED States Holocaust Memorial Museum. [EUA]. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005189>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2014.

Recebido em 17/02/2019.

Aceito em 02/02/2020.